

ÍNDICE

Dane Zajc	7
Kajetan Kovič	17
Veno Taufer	27
Svetlana Makarovič	35
Tomaz Šalamun	43
Boris A. Novak	55
Brane Mozetič	67
Aleš Debeljak	75
Uroš Zupan	85

Matej Bogataj: *Poesia eslovena*

da pós-guerra – modernismo e as

tendências posteriores 103

Ser a gota

Ser a gota

Ser a gota no teu peito,
ser a gota pura, clara
no peito sedento,
ser a gota desassossegada
no peito quente,
ser a gota chupada no teu corpo.

Ser uma lasca no teu fogo,
ser fogo ardente no teu fogo,
ser grande fogo
no fogo da tua vida,
queimar, queimar, arder até ao fim
e ser cinza levada
pelo suspiro da tua paixão,
não sentir mais nada, não desejar mais nada.

Só na destruição se encontram a paz e a paixão,
só na destruição se encontra a fidelidade infinita,
as coisas mortas amam com a paz da eternidade,
oh ser a rocha no campo
do teu amor.

Ilha do Sul

É a ilha do sul. É.
Longe, num mar desconhecido
é um ponto no horizonte.
É uma malha de neblina.

Entre o alvor e a escuridão
Emerge das águas brancas.
E dura infinitamente.
E num instante vai ao fundo.

E o mar das delícias
é pesado e ébrio.
E o sal fecha a ferida.
E o presságio que nem existe.

Que no fundo obscuro há
apenas conchas cobertas de areia
e ramos da oliveira amarga
e embalar do musgo.

E a água abre-se
e a estrela forte surge
e vem a nave nova
e a ilha do sul *existe*.

A água levou consigo

a água levou consigo
a mãe e o pai

pela água deixámos
aos nossos filhos

a nossa paixão
regámos com água

todos os nossos fogos
bebe a água do céu

a água folheia as folhas
dos nossos livros

todas as nossas esperanças
nadam em água

esperamos o dilúvio
vem água
vem até a garganta

Literalmente

como vai

perguntas

assim

ou assim

assim e nada

diferente

como o som da gota

que cai

longe do marítimo

cai

e cai

assim é

e a borda

faz dano

Janeiro

Enormes são os poliedros do silêncio
em cima dos telhados mortos.
O silêncio do ar congelado
entre as ruas inconscientes.
O silêncio das caveiras brancas entre a ramagem.

Pela goteira caiu
uma mão de prata.
Endurecida, aponta para a morte.

Os pombos dormem, miúdos,
de trás de centelhantes cortinas de medo.

Estrela

Que venha aquela hora,
que venha aquele tempo,
que se deixe reconhecer
aquela voz remota,
que a palma nevada
toque a pele queimada,
que venha já de uma vez,
que venha aquele dia.
Demasiado têm mirado
e têm visto os olhos,
demasiado para querer
saber algo mais,
com ninguém já nada mais,
nada meu,
não posso ficar mais,
eu não sou daqui.
Olha, aquela estrela distante
não sai do meu pensamento,
estrela que não vejo de dia,
porém sei que é.

Jônio

como desce o sol?
como a neve
de que cor é o mar?
largo
jônio és salgado?
sou salgado
jônio és bandeira?
sou bandeira
todos vaga-lumes descansam

como são as pedras?
verdes
como brincam os cachorros?
como a papoila
jônio és peixe?
sou peixe
jônio és ouriço-do-mar?
sou ouriço-do-mar.
escuta como rumora

jônio é se a cerva corre através da floresta
jônio é se olho a montanha a respirar
jônio são todas as casas
ouves, que arco-iris?
como é o rocío?
dormes?

Exílio

Já não há estrela que me ajude.
Olho em frente o céu frio do norte,
o céu do sul foi-me ocultado. As cidades brancas
onde cresci agonizam
atrás do muro de estrelas do horizonte
a sul. Entre mim e eu cresce uma casca
cada vez mais espessa. Só através da névoa
vejo a sombra da metade morta
de mim mesmo: como se não tivesse fundo
tremo e tateio o meu rosto escuro.
Só na minha garganta me sinto em casa.

vem a mim, vem, para
abraçarmos uma vez mais, toda a noite, o dia inteiro
para sentir uma vez mais esse amor
-já viste como espumeja, embate com a cabeça
contra as grades, ou quando treme
ao teu lado, de medo, o corpo, o corpo?
vem, apaga a luz, estreita-te
contra mim, deixa que te ame
que eu saboreie o deleite dos teus seios
que eu me entregue a ti, para que me amasses, docemente
me apalpes, ou feres para que eu te sinta
como em sonhos, como em sonhos.

sonhei que você morreu
que o quarto estava vazio, a camisa,
o cabide e em derredor de mim cada
vez mais lugar, mais silêncio

debruçado na janela aberta, olhando
para fora, para a escuridão, horas inteiras, esperando
que talvez você chamasse, tive medo de dormir
tive medo de fechar as pálpebras

contei os dedos, os botões, contei os passos
com o olhar cravado na noite, tremendo, sussurrava
e espantava todas as imagens com você

sonhei que os sonhos morreram
que nos estávamos deslizando à profundidade, sozinhos,
vazios, e que você já não viria.

o vá fazer calar. Mas miles de ecos são que em vez dele
se vão lançar para o ar.
Porque o amor, que flui pelas tuas veias, é semente, flor
e fruto.

Agora, com amargura ou meiguice na voz, com suave aulido da elegia, na qual as inundações e os espelhos rotos, a força selvagem de mercenários e as cegas crias dos mamíferos ambulantes, desassossegam o teu sentido da realidade que muda como arquipélagos inconstantes dos mares do sul, agora, com exuberantes cascatas de trigo que escorre para o cano de esgoto como o sangue pálido dos golfinhos feridos à morte, com minutos de medo, antes de conciliares um breve sonho que não te salva das lembranças do exílio, agora, quando dizes neve e fica tudo como era antigamente, com uma melodia melancólica que imita vagamente o ritmo duma corrida persistente através das vastidões infinitas, agora, com estremecimento, com paixão, com ânsia, aqui, com a porta entreaberta pela qual anseia entrar a água viva, agora, quando os muros se estão a aproximar e partem as conchas de caracóis debaixo de passos firmes, agora, com maduros racimos de granizo que te esmaga contra o solo, agora, no fim e no começo dos caminhos que se vão fechando, agora, com a voz surda que vem da noite que compartias com as pessoas igualmente perdidas que tu: és capaz de te reconhecer neste poema?

Antes de dormir

antes de adormecermos,
nos apagamos a fronteira
de repartição da semente

e o meu mole queixo
afunda
na quimera da tua frente,

dividimos
a apariência do solo
em dois escaques

e com o esboço dos lábios
tentamos morder
o metal liso

do silêncio nocturno.
é que me estás a sentir
quando te levo

até a borda
e te deixo ficar
nos jardins suspensos

para deslizares para dentro
da arredondada escritura dos sonhos,
cujo significado

é sempre distinto.